

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA
NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS
“O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”¹**

**RELIGIOUS INTOLERANCE AGAINST AFRICAN MATRIX
IN THE HEGEMONIC MEDIA: CONTENT ANALYSIS IN THE NEWSPAPERS
“O GLOBO” AND “O ESTADO DE S. PAULO”**

Roberto Marcello²

Resumo

Este artigo pretende analisar como a intolerância religiosa no Brasil contra as de matriz africana, notadamente a Umbanda e o Candomblé, representada na mídia hegemônica brasileira, a partir dos jornais “O GLOBO” e o “ESTADO DE S. PAULO”. O objetivo é fazer uma análise comparativa entre os dois veículos de comunicação escolhidos, a partir do mesmo fenômeno, que tem sido retratado constantemente na mídia, e entender como se dá a trajetória desses registros nos dois jornais de grande circulação e analisar se há diferenças ou similaridades nos registros, visto que esses veículos têm marcas diferentes. Ocorre que os dois veículos, influenciados por seus representantes, têm seus próprios pontos de vista sobre o assunto. O artigo traz como *corpus* as edições de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a verificação dos fenômenos comunicacionais. Utilizamos como referência que, no mesmo período, foram registrados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa 1.114 queixas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras, causando vários protestos. A pesquisa procurará forçosamente identificar a literatura mais importante vinculada à nossa abordagem, do mesmo modo que, na seleção dos artigos e reportagens, buscaremos identificar padrões, mudanças de ênfase, aspecto ou funcionalidade, que nos permitam tanto definir o objeto, como fundamentar a análise a ser feita, que será comparar os dois veículos de comunicação escolhidos, a partir do mesmo fenômeno, que tem sido retratado constantemente na mídia e entender como se dá a trajetória desses registros, nos dois jornais de grande circulação: “O ESTADO DE S. PAULO”, por ser um jornal de uma família que vem representando a elite paulista desde a sua fundação: uma família de católicos (cristãos-novos) e conservadora, até quase o limite do preconceito. “O GLOBO”, um jornal do Rio de Janeiro da família Marinho, desde sua fundação em 1925. Serão utilizados como ferramentas de pesquisa deste trabalho os acervos digitais pesquisados dos jornais. Foram escolhidos alguns recortes para serem trabalhados: foram as escolhas dos cadernos dos jornais e os escolhidos foram: do jornal “O ESTADO DE S. PAULO” o “Caderno Geral” da “Edição Nacional”, e do jornal “O GLOBO”, com os editoriais “Rio” das edições “Matutinas”. O segundo recorte foi a exclusão de qualquer matéria de cunho comercial, comemorativas e festivas. O terceiro foi a escolha de inclusão de somente matérias de reportagens de maiores ocorrências e pertinentes à pesquisa. Conforme os objetivos e a metodologia acima descritos, uma justificativa básica para esta pesquisa poderá estar em contribuir para a verificação e o refinamento de certos aspectos da intolerância perante as religiões de matriz africana, notadamente a Umbanda e o Candomblé, enquanto fundamento da cultura e dos seus processos históricos. A ecologia da

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho – GT 3 Ecologia Comunicativa Comunitária, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Roberto Marcello. Universidade Paulista UNIP, Mestrando em Comunicação da Universidade Paulista, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP, Brasil, robertomarcello@uol.com.br

comunicação parece ser um caminho seguro para a garantia das referências sócio culturais da população de minorias segregadas e até certo ponto invisíveis no Brasil. Tal análise ganha importância diante das apontadas “discussões” ou “debates” dos fatos históricos, ora entendidas com veracidade, ora como inexatidão, por haver falhas históricas. A relevância da pesquisa tem a ser por conta de um problema social relevante e poucos estudos na área de comunicação. O quadro teórico formado como base desta pesquisa, foram: BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1979; CASTELLS, M. Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro, Zahar, 2013; MORAES, D. de. Comunicação, Hegemonia e Contra - hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010; MIKLOS, J. “O Sagrado nas Redes Virtuais: a experiência religiosa na era das conexões entre o midiático e o religioso”. São Paulo: V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – O que Custa o Virtual?, 2015; PROSS, H. A sociedade do protesto. São Paulo, Annablume, 1997; _____. Estructura simbólica del poder. Barcelona, Gustavo Gili, 1980; _____. La violencia de los símbolos sociales. Barcelona, Anthropos, 1983; PROSS, H. Introducción a la ciencia de la comunicación. Barcelona, Anthropos, 1987; ROMANO, V. Ecología de la comunicación. Argitaletxe, S.L., 2004; SODRÉ, M. Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Editora Vozes, 1999.

Palavras-Chave: Intolerância Religiosa; Ecologia da Comunicação; Análise de Conteúdo; “O GLOBO” e o “ESTADO DE S. PAULO”.

Abstract

This article intends to analyze how the religious intolerance in Brazil against those from African matrix, notably Umbanda and Candomblé are represented in the Brazilian hegemonic media, in "O GLOBO" and "O ESTADO DE S. PAULO" newspapers. The objective is to make a comparative analysis between the two chosen communication vehicles, from the same phenomenon, which has been constantly portrayed in the media and to understand the trajectory of these records in the two newspapers of great circulation and to analyze if there are differences or similarities in the records, since these vehicles have different marks. The two vehicles influenced by their representatives, have their own views on the subject. The article brings as *corpus* the editions of June 2012 to September 2015, from the newspapers cited for the verification of the communicational phenomena. As reference, in the same period were registered by the Commission on Religious Combat and Intolerance, 1,114 complaints, 71% were targeted by Afro-Brazilian religions, causing several protests. The research will necessarily seek to identify the most important literature related to our approach, just as in the selection of articles and reports, we will seek to identify patterns, changes of emphasis, aspect or functionality that allow us both to define the object and to base the analysis on it will be made, which will be, to compare the two chosen communication vehicles, from the same phenomenon that has been constantly portrayed in the media and to understand how the trajectory of these records occurs in the two newspapers of great circulation: "O ESTADO DE S. PAULO", for being a newspaper of a family that has been representing São Paulo elite since its foundation. A family of Catholics (young-Christians) and conservative, almost to the limit of prejudice. "O GLOBO", a Rio de Janeiro newspaper of the Marinho family since its foundation in 1925. We will use as research tools of this work the digital collections researched in the newspapers. Some of the clippings were chosen to be worked out: the newspaper sessions were chosen, and the ones chosen were: "O ESTADO DE S. PAULO", the "General Edition" of the "National Edition" and the newspaper "O GLOBO" with editorials "Rio" of the "Matutinas" editions. The second cut was the exclusion of any commercial, commemorative and festive material. The third was the inclusion of only articles of reports of major occurrences and pertinent to the research. According to the objectives and methodology described above, a basic justification for this research may be to contribute to the verification and refinement of certain aspects of intolerance towards religions of African origin, notably Umbanda and Candomblé, as the foundation of culture and its historical processes. The ecology of communication seems to be a sure path to guarantee the socio-cultural references of the population of segregated and to some extent invisible minorities in Brazil. Such an analysis gains importance in the face of the pointed "discussions" or "debates" of historical facts, now understood with truth, sometimes as inaccuracy, because there are historical failures. The relevance of the research has to be due to a

relevant social problem and few studies in the area of communication. The theoretical framework formed as the basis of this research were: BARDIN, L. Content analysis. Lisbon, Editions 70, 1979; CASTELLS, M. Networks of indignation and hope. Rio de Janeiro, Zahar, 2013; MORAES, D. of. Communication, Hegemony and Counter - hegemony: The theoretical contribution of Gramsci. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010; MIKLOS, J. "The Sacred in Virtual Networks: the religious experience in the age of the connections between the media and the religious." São Paulo: V International Congress of Communication and Culture - What costs the Virtual ?, 2015; PROSS, H. The protest society. São Paulo, Annablume, 1997; _____. Symbolic structure of power. Barcelona, Gustavo Gili, 1980; _____. The violence of social symbols. Barcelona, Anthropos, 1983; PROSS, H. Introduction to the science of communication. Barcelona, Anthropos, 1987; ROMANO, V. Ecology of communication. Argitaletxe, S.L., 2004; SODRÉ, M. Claros e Escuros: identity, people and media in Brazil. Editora Vozes, 1999.

Keywords: Religious Intolerance; Ecology of Communication; Content analysis; "O GLOBO" and "O ESTADO DE S. PAULO".

OS JORNAIS: O artigo mostra o retrato das religiões de matriz africana nos jornais de grande circulação, mais notadamente a Umbanda e o Candomblé. Mostrando sua formação histórica e também levando a discussão em torno do respeito e a intolerância religiosa até os dias de hoje. Discussões e debates, se arrastam a anos, sobre essas religiões e por vezes, em sua maioria, é retratado negativamente pela comunicação midiática. A partir daí, será analisado: “Como é que os jornais, “O GLOBO” e “ O ESTADO DE S. PAULO”, tem retratado esse fenômeno? ”. Compreender como ocorre o registro histórico das religiões de matriz africana nos jornais de grande circulação, os quais representam de algum modo, o pensamento das classes hegemônicas no Brasil. E verificar possíveis diferenças ou similaridades nos registros, a partir das influências das crenças religiosas das famílias controladoras dos veículos de comunicação.

“A hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo” (Gramsci, 2002b, p. 65)

"O ESTADO DE S. PAULO"³ é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação. Em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez "A Província de S. Paulo" - seu nome original. Somente em janeiro de 1890, após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação pela República, receberia sua atual designação.

³ Resumo histórico do próprio site do jornal “O ESTADO DE S. PAULO” – <http://www.estadao.com.br/historico/print/resumo.htm>.

O jornal foi fundado por 16 pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicano surgida durante a realização da Convenção Republicana de Itu, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão.

Primeira Sede: A Redação, administração e oficinas foram instaladas em um sobrado da Rua do Palácio, n.º14, antiga Rua das Casinhas, atualmente Rua do Tesouro, esquina com a Rua do Comércio (atual Álvares Penteado), no Centro velho de São Paulo. Entre os proprietários do novo jornal, destacavam-se Américo de Campos e Francisco Rangel Pestana. O administrador era José Maria Lisboa, que morava com a família nos fundos do prédio.

A cidade de São Paulo desta época já se encontrava em franco desenvolvimento. A partir de 1865, quando a cidade contava com cerca de 25 mil habitantes, a ferrovia passou a influenciar decisivamente na aceleração da urbanização.

Contudo, apesar das inovações, era ainda uma pequena cidade com pouco mais de 30.000 habitantes, na sua maioria tropeiros, funcionários públicos e estudantes de Direito. Na margem oeste do Anhangabaú ainda se caçavam perdizes e se pescavam bagres em uma lagoa próxima à Estação da Luz. Em 1875 existiam mais dois jornais diários de algum porte: o "Correio Paulistano", fundado em 1854; e o "Diário de São Paulo", de 1865 - ambos extintos.

A importância da fundação de "A Província" deve-se ao fato de ser o primeiro grande jornal engajado no ideário republicano e abolicionista, por meio dos textos contundentes de Francisco Rangel Pestana e Américo de Campos, seus primeiros redatores.

Sua tiragem inicial era de 2.000 exemplares, bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil. Pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras.

Inovação: *A Província* logo se diferenciou no mercado. Barrete branco na cabeça, uma buzina na mão e um maço de jornais debaixo do braço, o francês Bernard Gregoire saía a cavalo pelas ruas da cidade anunciando as notícias do dia. Foi um escândalo. Os jornais concorrentes chegaram a ridicularizar a imagem do jornaleiro – incorporada ao *ex-libris* d' O ESTADO.

Em abril de 1877, O ESTADO muda-se para a Rua da Imperatriz, 44, atual Rua XV de Novembro. A impressora era uma máquina "Alauzet" operada manualmente por ex-escravos libertos contratados e remunerados pelo trabalho.

Em 19 de outubro de 1879 foi publicado o primeiro anúncio colorido, na página 4.

Em 2 de setembro de 1881, nova mudança das oficinas do jornal, da então Rua da Imperatriz (hoje XV de Novembro) para o Largo do Rosário, 53.

No início de 1888, meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com O ESTADO, sob o pseudônimo de Proudhon. Neste mesmo ano "A Província" atingia a marca de 4.000 assinantes. Em 1 de janeiro de 1890, após a proclamação da República, o jornal muda de nome. A "Província de São Paulo" passa a chamar-se "O ESTADO DE S. PAULO", a tiragem dobra: 8 mil. Em 1896 a tiragem não consegue ultrapassar os dez mil exemplares, não por falta de novos leitores, mas devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina é adquirida e a tiragem pula para 18 mil exemplares durante a campanha de Canudos, quando eram ansiosamente aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha através do telégrafo.

Os fatos que marcaram o país e o mundo, expostos nas capas históricas do jornal O ESTADO DE S. PAULO desde 1875.

A Família Mesquita, vem representando a elite paulista desde a sua fundação do Jornal. Júlio César Ferreira de Mesquita, filho de imigrantes portugueses **católicos (cristãos-novos)**⁴ de Trás-os-Montes radicados na cidade de Campinas, Júlio Mesquita tornou-se o mais importante jornalista de seu tempo em São Paulo e um dos mais influentes do Brasil.

No livro "“Nascidos para perder”- História do jornal da família que tentou tomar o poder pelo poder das palavras - e das armas”, o jornalista Mylton Severiano descreve: *“Os Mesquita, conservadores, sim, até quase o limite do preconceito. Mas de uma dignidade a toda prova, seja com seus jornalistas seja com o jornalismo.”* (Editora: Insular, Ano: 2012).

“O GLOBO”⁵ tem uma história embrionária inusitada que começa em 1911, quando o jornalista Irineu Marinho fundou o vespertino “A Noite”. Mas, depois de vender o controle do jornal a um dos sócios, mediante o compromisso de recompra das ações, o acordo não foi cumprido. As ações não lhe foram revendidas e Irineu perdeu o título do jornal.

⁴ Cristão-novo ou converso era a designação dada em Portugal, Espanha e Brasil aos judeus e muçulmanos convertidos ao cristianismo.

⁵ Resumo histórico do próprio site do jornal “O GLOBO” –

<http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>.

Depois de uma viagem à Europa, Irineu Marinho entregou-se à criação de um novo jornal identificado com o Rio. Para escolher o nome do seu novo jornal, Irineu Marinho promoveu um concurso. O resultado foi anunciado em 20 de junho de 1925, com o título “Correio da Noite” aparecendo como o mais votado. Mas essa patente já tinha dono, e o jornalista decidiu-se pelo segundo nome mais votado, “O GLOBO”. Em reconhecimento aos participantes que haviam votado nos dois títulos, Irineu distribuiu 6 mil assinaturas mensais do vespertino. Foi assim que surgiu “O GLOBO”. Antigos companheiros de “A Noite” vieram juntar-se a ele nessa nova empreitada.

A primeira sede do “O GLOBO” ficava na Rua Bettencourt da Silva, no Largo da Carioca. O prédio que abrigou “O GLOBO” desde a sua fundação, em 1925, até a mudança da Redação para a Rua Irineu Marinho, já não existe mais. Ficava no Largo da Carioca, na Rua Bettencourt da Silva, com saída também para a Avenida Almirante Barroso — onde hoje funciona uma agência da Caixa Econômica Federal. Por ser um lugar central, adequava-se perfeitamente às exigências da época para um jornal preocupado em não só noticiar os fatos importantes da cidade, mas em fazê-lo com agilidade, o que implicava ganhar tempo entre a apuração, a redação e a distribuição. Lá se instalou a primeira redação do vespertino. Consolidado, “O GLOBO” cresceu fisicamente, passou a ampliar suas tiragens e, por decorrência, a exigir mais espaço para suas instalações. O que seria resolvido com a transferência, em 1954, da sede para a Rua Irineu Marinho.

A primeira edição do então vespertino circulou no dia 29 de julho de 1925, dez dias após o aniversário de Irineu. Nesse dia foram lançadas duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares. Inicialmente, a distribuição ficou a cargo dos chamados “gazeteiros”.

Em seguida, “O GLOBO” chegou às bancas. Irineu juntou uma eficiente equipe de repórteres e um experimentado corpo de redatores para dar a forma editorial que idealizara para o novo veículo. Um dos princípios editoriais do vespertino era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história.

Mas Irineu Marinho ficou pouco tempo à frente do “O GLOBO”. Aos 49 anos, morreu prematuramente, no dia 21 de agosto de 1925. Roberto, o primogênito, seria o substituto natural do pai, mas considerando-se ainda muito jovem para assumir o comando do vespertino, preferiu entregá-lo ao jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu.

Cinco anos e oito meses após começar a trabalhar no “O GLOBO”, e tendo assumido o cargo de diretor-redator-chefe do jornal com a morte de Irineu Marinho, Eurycles de Mattos

faleceu a 5 de maio de 1931. Nesses quase seis anos de casa, o jornalista baiano consolidou o vespertino criado pelo amigo Irineu. Num trabalho incansável, Eurycles preparou o terreno para a chegada de Roberto Marinho à direção do jornal. Aos 26 anos, e depois de ganhar mais experiência como jornalista trabalhando na redação do “O GLOBO”, Roberto Marinho assume a direção do jornal em 1931. A partir da edição de 8 de maio, ele passa a ocupar o cargo de diretor-redator-chefe. Roberto Marinho ficou no comando até sua morte, em 6 de agosto de 2003.

A **Família Marinho**, representa o jornal desde sua fundação, por Irineu Marinho Coelho de Barros. O seu herdeiro Roberto Pisani Marinho, nascido no Rio de Janeiro, **católico**, opunha-se a Teoria da Libertação⁶, mas também, se dizia **simpatizante do espiritismo**, ao qual sua última esposa, Lily Marinho, se dizia espírita desde a década de 60.

O jornal O GLOBO sempre cedeu espaço no seu veículo ao espiritismo. Prova disso, os primeiros registros realizados datam dos anos 30: O jornal O GLOBO em 1935 enviou um jornalista, Clementino de Alencar, a Pedro Leopoldo (MG), onde vivia Chico Xavier, para investigar *in loco* a autenticidade de suas práticas mediúnicas. Publicadas semanalmente, as matérias desse jornalista ocuparam as páginas do jornal O GLOBO por mais de um mês.

A PESQUISA: Lembrando, que será mostrado como foi constituído a trajetória do registro das religiões de matriz africana, mais notadamente a Umbanda⁷ e o Candomblé, nesses dois veículos de comunicação.

A criminalização das práticas espíritas, principalmente com conotação afro-brasileira, sempre foram perseguidas, muito antes da Umbanda existir. Apesar da promessa de liberdade religiosa assegurada pela primeira Constituição Republicana Brasileira em 1891, a Lei Criminal de 1890 proibia a prática do espiritismo, bruxaria e seus sacrilégios. A Lei Criminal de 1942 condenava os “bruxos” e o seu uso de atos religiosos para praticarem o mal, chamando-o de “Baixo Espiritismo”.

⁶ A Teologia da Libertação é um movimento apartidário que engloba várias correntes de pensamento interpretando os ensinamentos de Jesus Cristo como libertadores de injustas condições sociais, políticas e econômicas. O século XX foi muito intenso para a história da Igreja Católica.

⁷ O Espiritismo é compreendido hoje como a doutrina que Allan Kardec organizou na França no século XIX. Entretanto, no período analisado, alguns atores sociais atuantes em entidades espíritas compreendiam que a Umbanda era uma das formas de expressão do Espiritismo.

A expressão “Baixo Espiritismo”⁸ está vinculada à concepção de práticas espíritas tidas como criminosas, tais como, o exercício ilegal da medicina, o curandeirismo, o sacrifício de animais nos rituais e à cobrança monetária dos trabalhos realizados. Levando-se em conta, principalmente, a intencionalidade do agente ao desenvolver suas atividades religiosas, ou seja, se fica caracterizada a intenção de causar mal a outrem, é considerado “Baixo Espiritismo”. Destacamos, que essa expressão está estreitamente ligada a essa conotação da intencionalidade, que consiste na possibilidade de praticante do espiritismo explorar a credulidade das pessoas, iludindo-as para que delas possa tirar proveito em benefício próprio, inclusive, com ganhos financeiros.

“Por reprimir a bruxaria, a classe governante do Brasil acreditava que estava protegendo a saúde espiritual da nação. Por isso, a expressão “Baixo Espiritismo” é um recurso de hierarquização, utilizado pelo poder dominante, na esfera social e judicial, na medida em que se procura definir aquilo que seria caracterizado como bom ou mau em relação às práticas religiosas dos espíritas” (MAGGIE, 1992).

Lísias Nogueira Negrão⁹, nos faz ver e confirmar que — sobretudo a partir de notícias e artigos sobre a Umbanda publicados em jornais de grande circulação como o “O Estado de S. Paulo”, aqui como fonte da pesquisa — as perseguições eram movidas tanto por aparelhos repressivos governamentais, durante e após o Estado Novo, quanto por instituições religiosas, incentivadas pela intolerância do catolicismo dominante, intensificados a partir dos anos 30 até meados dos anos 60.

Foi sob a ditadura militar que o registro dos centros de Umbanda passou da jurisdição policial para a civil, que a Umbanda foi reconhecida como religião no censo oficial, e que muitos dos seus feriados religiosos foram incorporados aos calendários públicos locais e nacionais, de caráter oficial (BROWN, 1985, p. 35-36)

Em 1968, pela primeira vez, na Imprensa, uma religião de matriz africana, a Umbanda, é colocada como força eleitoral, mencionando-se a grande votação obtida por Atila Nunes, no

⁸ “Baixo Espiritismo” é uma expressão que surgiu no final da década de 1920, derivada de uma outra expressão denominada, falso espiritismo. Ambas essas expressões conviveram paralelamente, utilizadas pelas autoridades policiais e judiciais até por volta de 1930, período em que a utilização da primeira expressão abarca a da segunda (GIUMBELLI, 2003).

Alguns teóricos, tais como, Roger Bastide (1985), Patrícia Birmam (1985) Yvonne Maggie (1986, 1992) e Emerson Giumbelli (2003), também, abordaram a concepção de “Baixo Espiritismo”.

⁹ Lísias Nogueira NEGRÃO. *Entre a cruz e a encruzilhada. Formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1996. 377 páginas.

Rio de Janeiro, “político que não precisou fazer propaganda para se eleger, pois tinha amigos certos na Umbanda”.

A década de 70 é rica em envolvimento políticos. Pela primeira vez se vê chefes de governos estaduais causando polêmica por causa do apoio público dado à Umbanda e outras de matriz africana, como o Candomblé. Nessa época, o presidente do Superior Órgão de Umbanda e Candomblé do Estado de São Paulo - SOUESP, era o Tenente Hilton de Paiva Tupinambá.

Na década de 80, os líderes da Umbanda eram altamente considerados e homenageados por grandes autoridades do governo. Esse período de ascensão da Umbanda foi possível graças à continuidade dos governos estaduais, reforçando e gerando a troca de favores por apoio eleitoral. A Umbanda foi muito utilizada pelo populismo da época, por ser considerada um grupo organizado e emergente.

No final dos anos 80, a Umbanda e as religiões de matriz africana, começam novamente a ver um futuro sombrio, de volta as ameaças da intolerância religiosa, agora não mais pela Igreja Católica e sim pelas Pentecostais ou Neopentecostais, liderada pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Na década de 90, as religiões de matriz africana, principalmente a Umbanda, entraram num processo de esvaziamento em relação aos fiéis adeptos. Este refluxo tem várias causas, uma delas, é a ascensão do neopentecostalíssimo, que apresenta uma nova oferta religiosa, e utilizando-se dos meios de comunicação de massa consegue influenciar milhões de pessoas através de suas igrejas eletrônicas, por meio do rádio e da televisão (CUMINO, 2011). Nesse sentido, essas religiões tornaram-se vulneráveis aos ataques fulminantes dos neopentecostais que as demonizavam, e utilizavam termos pejorativos e muito agressivos em seus argumentos contra elas. Neste contexto, o neopentecostalíssimo vale-se da liberdade de expressão existente em nosso país, e dessa forma, não tem sua liberdade religiosa restringida pela justiça, em função “de considerar demoníacas certas crenças e práticas de seus adversários religiosos” (MARIANO, 2007, p.126).

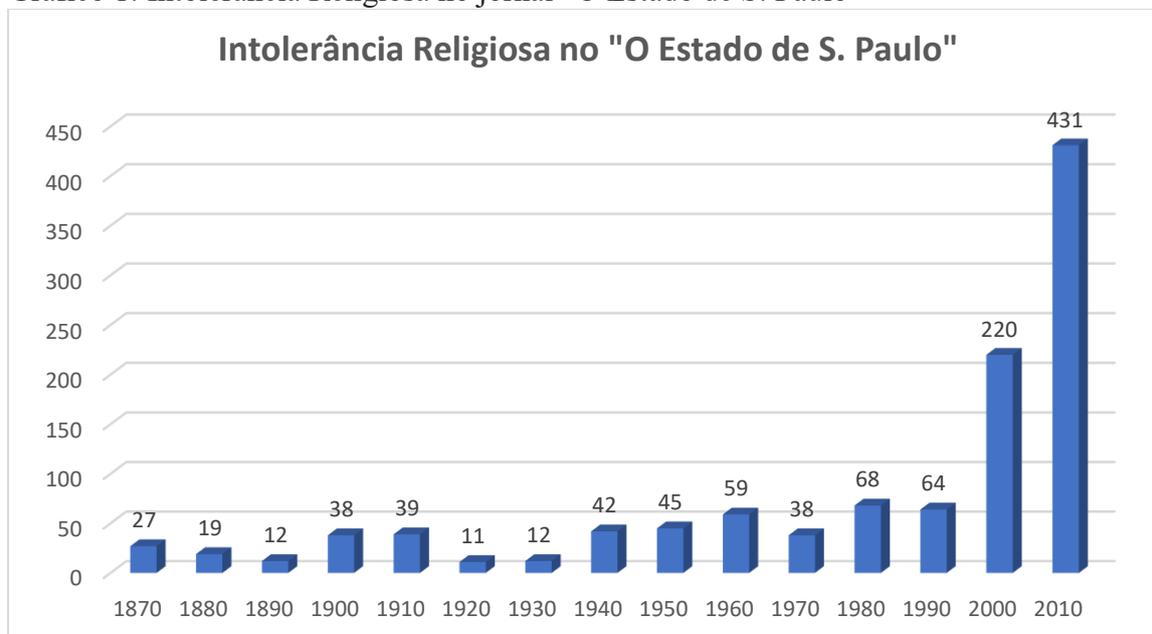
Para Ari Pedro Oro (1997) a intolerância das neopentecostais faces às religiões de matrizes africanas, configura-se como uma prática de crime de racismo. Constituem, de certa forma, uma heterofobia, que significa, fobia do outro, do diferente de nós, o que na realidade caracteriza recusa do outro e produz belicosidade, violência e agressividade.

O preconceito surgiu com a perseguição da Igreja Católica aos cultos afro-brasileiros, sendo posteriormente reforçado por praticantes do espiritismo e atualmente, das religiões neopentecostais.

Hoje, a mesma violência persiste. O que muda, segundo Vagner Gonçalves¹⁰, são os perpetuadores da intolerância. “As religiões de matriz africana foram perseguidas pela inquisição, pelo governo colonial, pelo Estado e, agora, por grupos neopentecostais, que também estão no poder na bancada evangélica”, afirma.

A seguir, verifica-se nos gráficos retirados dos acervos digitais dos dois jornais, como se configurou o verbete “Intolerância Religiosa”, ao longo de suas histórias jornalísticas.

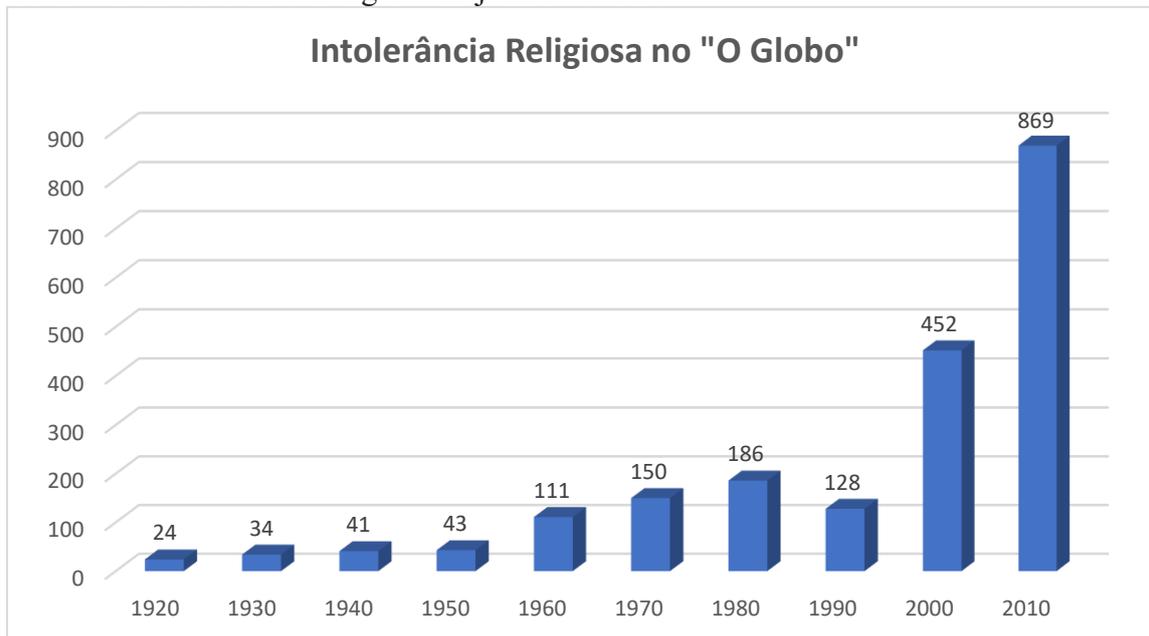
Gráfico 1: Intolerância Religiosa no jornal “O Estado de S. Paulo”



Fonte: Informações do gráfico retirado do acervo digital do jornal O Estado de S. Paulo em 15/10/2018 às 22:30hs: <https://acervo.estadao.com.br/procura/#!/intolerancia+religiosa/Acervo/acervo>

¹⁰ Vagner Gonçalves da Silva é professor no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo.

Gráfico 2: Intolerância Religiosa no jornal “O Globo”



Fonte: Informações do gráfico retirado do acervo digital do jornal O Globo em 15/10/2018 às 22:35hs: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=intolerancia+religiosa&anyword=&noword=&exactword=>

Olhando atentamente os gráficos e lembrando que a pesquisa mostra a intolerância em todos os cultos religiosos sem filtragem. Verificamos no acervo do jornal O Estado de S. Paulo, que as matérias com conteúdo de intolerância religiosa, vem desde a sua fundação. Em comparação ao outro gráfico, do acervo do jornal O Globo, verificamos, a partir da década de 1920, em comparação, no mesmo período em diante no gráfico do acervo do O Estado de S. Paulo, tirando as décadas de 1940 e 1950, em que nos dois jornais, os números de matérias foram praticamente da mesma proporção. Nota-se, uma grande diferença em quantidade de registros de matérias sobre intolerância religiosa entre os dois jornais. Praticamente, em todas as décadas o jornal O Globo, registrou em suas páginas mais que o dobro de matérias referentes a intolerância religiosa, em comparação nos mesmos períodos no jornal O Estado de S. Paulo.

A pesquisa mostra a seguir as edições de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a verificação dos fenômenos comunicacionais. Utilizamos como referência que, no mesmo período, foram registrados pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa 1.114 queixas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras, causando vários protestos:

“protestar significa expressar sua discordância, levantar objeção, discordar, querer negar-se a algo. O protesto pressupõe a existência de espaço público, da opinião pública, e que não deve ser somente testemunhado, mas também deve conquistar a opinião alheia” (Pross 1997, p. 71)

Algumas matérias do jornal “O Estado de S. Paulo”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 15 de Setembro de 2012 - Pag. 6

Haddad diz haver risco de ‘guerra santa’ e critica presidente do PRB

“O Estado laico implica combate à intolerância religiosa, e não ao contrário

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 03 de Outubro de 2012 - Pag. 14

Dilma repudia atos de radicais mulçumanos e islamofobia

“Repudiamos todas as formas de intolerância religiosa e, diante dos acontecimentos das últimas semanas,...”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 05 de Outubro de 2013 - Pag. 111

“Carta foi um avanço, mas tolerância persiste”

“A intolerância religiosa ainda existe. As pessoas ainda não conseguem lidar bem com a diversidade religiosa”

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 27 de Julho de 2014 - Pag. 123

Bê-á-Bíblia: A leitura obrigatória de versículos em escolas do município de paulista mostra o uso ilegal do poder visando a sobrepôr a fé da minoria à dos demais

A proposta abusiva expressa a crescente intolerância religiosa no País e as armadilhas usadas para fazer as instituições públicas e do Estado cúmplices do proselitismo religioso.

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 04 de Setembro de 2014 - Pag. 53

Um abrangente panorama da cena contemporânea da Bahia

No palco, o elenco desmistifica costumes das religiões afro-brasileiras para combater a intolerância religiosa

O Estado de S. Paulo: Páginas da Edição de 17 de Junho de 2015 - Pag. 12

Menina leva pedrada por ser do Candomblé

Grupo vestidos com trajes brancos típicos caminhavam por avenida da zona norte do Rio: agressão teria partido de dupla com a “Bíblia” sob os braços.

Algumas matérias do jornal “O Globo”

23 de Maio de 2013, Matutina, Rio, página 12

Religiões africanas à mercê da intolerância

Mais da metade das casas de Umbanda e Candomblé do estado já sofreu algum tipo de discriminação
De 847 casas 430 foram vítimas de intolerância religiosa

10 de Setembro de 2013, Matutina, Rio, página 12

Traficantes proíbem Candomblé e até roupa branca na favela

Pais de Santo dizem que a perseguição começou após a conversão de criminosos a religiões evangélicas

17 de Maio de 2014, Matutina, Sociedade, página 35

Intolerância: Despacho sem fundamento

Juiz nega retirada de vídeos ofensivos da web e alega que Candomblé e Umbanda não são religiões

12 de Agosto de 2014, Matutina, Sociedade, página 25

Fé Maculada: Jovens de religiões afro-brasileiras dão continuidade à tradição ancestral

Para sacerdotes, renovação assegura disseminação da cultura e diminuição do preconceito

25 de Março de 2015, Matutina, Sociedade, página 23

Guerra Santa: Choque entre Religiões

Adeptos de Umbanda e Candomblé pedem inquérito contra Universal e ‘Gladiadores do Altar’

10 de Junho de 2015, Matutina, Sociedade, página 30

Candomblé diz que perseguição religiosa levou a morte à de Ialorixá

Na Bahia, Mãe Dedé, teria infarto após protestos evangélicos

ANÁLISE CONCLUSIVA: Foram escolhidos alguns recortes para serem trabalhados, citados anteriormente, para facilitar a análise de uma pequena amostragem de artigos e matérias jornalísticas:

“nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (Bardin, 2009, p.123)

Ao passarmos para a pesquisa de levantamento das matérias jornalística dos períodos de junho de 2012 a setembro de 2015 dos jornais citados para a verificação dos fenômenos comunicacionais – a escolha dessa linha do tempo, dá-se, pelo levantamento feito pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, que registrou nesse período, 1.114 queixas de intolerâncias religiosas, das quais 71% tinham como alvos as religiões afro-brasileiras -. Por serem os estados (SP e RJ) que sofreram mais ataques de intolerância religiosa, foram escolhidos para essa pesquisa os dois jornais de maiores circulações, que são “O Estado de S. Paulo” e “O Globo”.

Na análise gráfica dos dois jornais, notamos uma diferença em quantidade de matérias jornalísticas entre ambos. Como citado, o jornal “O Globo” tem em sua história, praticamente o dobro de matérias jornalística em comparação ao jornal “O Estado de São Paulo”. As primeiras análises de como ambos tratam o problema da “intolerância religiosa”. O jornal de São Paulo da mesma ênfase ao fenômeno do que o jornal do Rio de Janeiro.

Ao compararmos as matérias dos dois jornais no mesmo período, notamos que no jornal “O Estado de São Paulo”, as notícias sobre “intolerância religiosa”, seguem sobre o cunho mais político e de entretenimento, e quando mostra uma notícia mais contundente, vem do Rio de Janeiro e não de São Paulo, como mostra a matéria de 17 de junho de 2015.

Analisadas a notícias, aqui mostradas, do jornal “O Globo”, em comparação ao jornal de São Paulo, notamos à proximidade do jornal com o cotidiano, as pessoas e aos fatos sobre a “intolerância religiosa”. O que não acontece com o jornal “O Estado de S. Paulo”.

Verifica-se, que os dois jornais têm visões diferentes sobre o mesmo fenômeno e que a história e a formação das instituições sobre o prisma das famílias que as controlam, influenciam diretamente como tratam o fenômeno, nesse caso, a “intolerância religiosa”.

Concluo, que as instituições de comunicação, deveriam ser mais participativas nas comunidades minoritárias. E a ecologia da comunicação parece ser um caminho seguro para a garantia das referências sócio culturais da população de minorias segregadas e até certo ponto invisíveis no Brasil – “seres humanos tomem consciência e assumam suas responsabilidades diante do seu ambiente comunicacional” (Romano, 2004, p. 148 -149). Tal análise, ganha importância diante das apontadas “discussões” ou “debates” dos fatos históricos, ora entendidas com veracidade, ora como inexatidão, por haver falhas históricas. A relevância da pesquisa, tem haver por conta de um problema social – “Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional” (Castells, 2013, p. 158) – relevante e poucos estudos na área de comunicação.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BROWN, Diana. **Uma história da Umbanda no Rio**. Tradução de Sérgio Lamarão. In: **Umbanda e política**. Cadernos do ISER. Rio de Janeiro: Marco Zero-ISER, n.18, p. 9-42, 1985
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.
- GIUMBELLI, Emerson. **O “Baixo Espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n.19, p. 19-49, jul. 2003 [a].
- GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da Umbanda no Rio de Janeiro**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Caminhos da Alma**. São Paulo: Selo Negro, 2003 [b].
- MAGGIE, Yvonne - **Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MARIANO, Ricardo. **Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afrobrasileiros**. In: SILVA, Vagner Gonçalves (Org.) **Intolerância religiosa: impactos de neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- MARIANO, Ricardo. **Efeitos da secularização do estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais**. Revista Civitas, Porto Alegre, v. 3, n.1, p. 111-125, 2003.
- MORAES, D. de. **Comunicação, Hegemonia e Contra - hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.
- MIKLOS, J. **“O Sagrado nas Redes Virtuais: a experiência religiosa na era das conexões entre o midiático e o religioso”**. São Paulo: V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – O que Custa o Virtual?, 2015.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. (1996). **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Edusp
- ORO, Ari. P. & STEIL, Carlos, A. (Orgs.). **Globalização e Religião**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PROSS, H. **A sociedade do protesto**. São Paulo, Annablume, 1997.
- _____. **Estructura simbólica del poder**. Barcelona, Gustavo Gili, 1980.
- _____. **La violencia de los símbolos sociales**. Barcelona, Anthropos, 1983.
- PROSS, H. **Introducción a la ciencia de la comunicación**. Barcelona, Anthropos, 1987.
- ROMANO, V. **Ecología de la comunicación**. Argitaletxe, S.L., 2004.
- _____. **Introducción al periodismo**. Barcelona, Teide, 1984.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Símbolos da herança africana. Por que candomblé**. In: SCHWARCZ, Lilia M. e REIS, Leticia Vidor (Orgs.). **Negras imagens. Ensaio sobre escravidão e cultura**. EDUSP/Estação Ciência, 1996.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira – 2º Ed.** – São Paulo: Selo Negro, 2005
- SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Editora Vozes, 1999.